

Acompanhado-o, pois, veremos a medicina indígena, onde o pajé representa papel fundamental, curador, sacerdote e adivinho; a jesuítica e sua contribuição inicial ao defrontar-se com doenças e epidemias, num meio sem qualquer recurso, quando recorre a remédios tradicionais uns e inventados outros; conhecerá os "físicos", os cirurgiões barbeiros e curadores, a patologia e terapêutica antigas, passará pela cirurgia e obstetrícia, terá oportunidade de conhecer os incios de nossa tradição de ensino médico-cirúrgico a partir dos núcleos da Bahia e Rio de Janeiro, onde pontificaram algumas figuras de alto valor, inclusive no campo da pesquisa. Por fim, verá a medicina brasileira no campo experimental e os progressos alcançados por ela dentro duma perspectiva histórica só possível a quem conhece no íntimo o problema, como é o caso de L. S. F. — J. C. G.

SIMÃO, Azis — *Sindicato e Estado*. São Paulo, Dominus Editora, Editora da U. S. P., 1966, 245 pp.

No presente trabalho, A. S. estuda as relações entre sindicato e Estado, vendo-as desde suas primeiras manifestações em fins do século XIX, até a década de 1930, ponto de seu amadurecimento. Colocando-se numa perspectiva sincrônica, A. S. pôde observar com propriedade a dinâmica das transformações operadas ao longo do período estudado, através de quatro grandes capítulos que se ligam e completam entre si: a indústria e o operariado; o operariado e as condições de trabalho; os conflitos coletivos de trabalho; a organização sindical.

Graças a esse processo vivo de colocação dos problemas, podemos acompanhar o desenvolvimento industrial de São Paulo desde o ponto das relações entre senhor e escravo, passando pelo aparecimento e formação dos "grupamentos funcionais", pela sua constituição em proletariado, pela mudança das velhas estruturas, pelas primeiras reivindicações operárias, até a eclosão das primeiras greves. Assim sendo, A. S. examina o espírito do sindicalismo em sua gestação e a elevação do operário como elemento integrante de nossa estrutura social.

Esses capítulos constituem a base inicial para a explicação do último — a organização dos sindicatos e o aparecimento orgânico dum conjunto de reivindicações operárias com as transformações e deformações do espírito sindical.

Para encerrar a notícia, é preciso dizer que A. S. apresenta um trabalho lúcido e da mais séria pesquisa. É pois contribuição fundamental e indispensável para compreensão do sindicalismo e da própria história social brasileiras. — J. C. G.

MAGALDI, Sábato — *Iniciação ao Teatro*. São Paulo, Coleção Buri, 1965, 154 pp.

Obra importante pelas posições e atitudes assumidas pelo A. em face dos problemas básicos do teatro, enquanto realidade viva. Refugindo ao esquematismo comum em obras dessa natureza, voltadas quase somente para os elementos teóricos e de ordem geral, S. M. assume posição realista ao enfrentar problemas artísticos, econômicos e sociais do teatro brasileiro. Esta vinculação com a realidade, decorrente da convivência com o fenômeno teatral, permite-lhe a apresentação de um quadro bem objetivo no enfoque de seus problemas mais cruciais. Assim, S. M. analisa sucessivamente a peça, o espetáculo, a sociologia do teatro, para encarar finalmente as questões ligadas ao atual momento brasileiro: nacionalismo, teatro comercial, teatro social, teatro popular. Por fim, S. M. coloca a questão vital do teatro: seu destino em face de outras formas de arte como o cinema e a televisão, que atraem o público deixando o teatro numa delicada situação de sobrevivência.

Embora a obra pretenda ser apenas de vulgarização, podemos afirmar que escapa desse quadro e se firma como fundamental a todos que se interessam pela

arte teatral, razão por que importa e interessa a todos nós indistintamente. — J. C. G.

DANTAS, Paulo — *Antologia Euclidiana*. São Paulo, Pioneira, 1967, XXIV + 250 pp.

Com o louvável intuito de difundir entre os jovens a obra de Euclides da Cunha, P. D. tomou-se de entusiasmo pela lição de grandeza e nacionalismo de Euclides, pelo seu suporte artístico e humano e busca, através de roteiro por ele organizado, fazer-nos sentir as mesmas palpitações por ele sentidas. É assim que busca um "roteiro" significativo e representativo de sua "pesada obra".

A empresa é meritória, pois é indiscutível a importância de Euclides da Cunha na cultura brasileira, ao operar o violento impacto de sua denúncia com a força de oráculo. Por essa razão, toda tentativa de divulgá-lo ou quebrar os clichês de autor árido e difícil deve receber nosso apoio e contar com nosso entusiasmo. Contando com a colaboração de Dermal Camargo, Naief Sáady e Oswaldo Galotti, responsáveis pelas notas de esclarecimento do texto, Paulo Dantas dá importante passo para a divulgação ou popularização de Euclides da Cunha, buscando pôr sua obra ao alcance do maior número possível de pessoas.

Os textos selecionados cobrem criteriosamente a trajetória euclidiana e são mostra inequívoca do valor de sua obra, decantada por Paulo Dantas, conhecedor desse intrincado mas admirável universo. — J. C. G.

ELLISON, Fred P. — *The Writer in Latin America*. The University of Texas, Institute of Latin American Studies, Offprint Series, s. d., Nº. 11. Reprinted from *Continuity and Change in Latin America*, edited by John J. Johnson, Stanford University Press, 1964, pp. 79-100; 257-260.

Depois de delimitar o campo de seu trabalho sobre *The Writer in Latin America*, Fred P. Ellison detém-se na análise das relações entre educação e classe social, concluindo pela afirmativa de que em geral, na América Latina, a literatura não é mais privilégio de uma aristocracia, mas que progressivamente membros das classes médias e trabalhadora recebem educação superior e ligam-se à classe literária. Embora este fato leve a uma tendência ao profissionalismo, a literatura continua não obstante equiparada à diplomacia, à política e ao jornalismo, não sendo a profissão de escritor uma atividade rendosa. Esta espécie de "desajustamento" profissional é compensada pela missão social do escritor, que o leva a desejar uma transformação da sociedade e a popularização de novas formas de cultura. Isto implica numa liderança e num poder político conseguidos através do cargo público e da atividade de partido, além da pressão considerável que pode ser exercida através de seus escritos. Uma grande maioria de literatos, no Brasil e na América Latina, pertence a partidos esquerdistas, e, embora haja muitos escritores cujo trabalho não esteja ligado à política, a demanda da reforma social é característica fundamental da literatura latino-americana. O valor estético deste tipo de literatura pode ter crescido, contudo sua utilidade como propaganda tem declinado. Depois de analisar os fenômenos do *fidelismo*, anti-lanquismo, americanismo e da alienação do escritor, o A. conclui dizendo que se ideologicamente muitos literatos latino-americanos têm antipatia manifesta pelas atitudes e valores básicos da civilização e cultura dos Estados Unidos, isto pode ser devido ao fato de não terem os norte-americanos aprendido a estabelecer um diálogo de benefícios mútuos com os intelectuais latino-americanos, em especial com os escritores. — A. F.